

Li  
vrosCoordenação Luciana Leiderfarb  
leiderfarb@expresso.impreso.pt

★★★★

## A MAIS BREVE HISTÓRIA DA CHINA

Linda Jaivin

D. Quixote 2022. trad. de João Van Zeller,  
303 págs. €18,80  
EnsaioFora de  
qualquer escalaA sinóloga Linda Jaivin faz uma história  
breve de uma civilização multimilenar.  
E é bem sucedida no projeto

TEXTO ANTÓNIO CAEIRO

No final de 2021 o Partido Comunista Chinês tinha 96,7 milhões de filiados: é muita gente, mas não chega a 7% da população do país. “Nada na China é em pequena escala”, avisa a sinóloga Linda Jaivin. Entre os seus mais de 1400 milhões de habitantes há “gente que se dedica à agricultura da subsistência e multimilionários internacionais, monges budistas e proprietários de estabelecimentos de diversão noturna, feministas militantes e patriarcas severos, artistas de vanguarda e engenheiros aeroespaciais, pastores de iaques e produtores de cinema de animação, ativistas pró-democracia e comunistas leais. (...) Podem ser entusiastas da Ópera de Pequim, de ópera ocidental, música punk,

vocal, canto pop, xadrez, jogos de vídeo, telenovelas coreanas, caligrafia, fotografia, dança de salão, dança do leque, e todas essas coisas ou de nenhuma”. É esta visão que domina “A Mais Breve História da China”.

Australiana, formada numa universidade norte-americana, Linda Jaivin viveu em Pequim, Taiwan e Hong Kong. Nesta pequena obra, publicada o ano passado, revela-nos uma surpreendente diversidade humana e intelectual. Diante dos olhos dos leitores desfilam as histórias e os personagens que ao longo de mais de três milénios moldaram a China: imperadores, generais, filósofos, poetas, historiadores ou cientistas. Houve muitas guerras e rebeliões,

grandes tragédias e grandes esperanças, períodos de esplendor e de “humilhação nacional”.

Jaivin procura seguir um princípio definido por um historiador do século XI, Sima Guang, que não costumamos associar à cultura tradicional chinesa: “Se quiseres ser iluminado deves ouvir todos os lados; se quiseres manter-te na escuridão, confia apenas num.” A atual liderança chinesa, concentrada no presidente Xi Jinping, também não apreciava muito aquela defesa do pluralismo e do espírito crítico. “Desde a Revolução Cultural (1966/76) que o PCC não procurava ter um tal controlo totalitário sobre a vida das pessoas”, afirma Jaivin.

Durante aquela década, marcada pelo “Terror Vermelho”, dezenas de milhões de chineses foram perseguidos e torturados. Mais de uma milhão morreram ou suicidaram-se. Foi igualmente nesse período que um presidente norte-americano, Richard Nixon, visitou pela primeira vez a China e os dois países iniciaram uma aliança estratégica contra o inimigo comum, a então União Soviética. A China apoiava a NATO e a defesa dos Direitos Humanos não fazia parte da agenda diplomática dos Estados Unidos. Outros tempos!

Sobre o processo de transferência de poderes em Macau, em vez de “ouvir todos os lados”, Jaivin repetiu uma mentira publicada pelo “The New York Times” em abril de 1975: “Portugal propôs a devolução de Macau a Pequim. O governo em Pequim recusou: não estava preparado para isso.” Embora prontamente desmentida pelas autoridades portuguesas, aquela ‘informação’ continua viva na sinologia anglo-saxónica. É um erro, sem dúvida, mas não hipoteca o valor deste livro.

Nos anos 1980, o sinólogo Jonathan D. Spence precisou de mais 800 páginas para descrever a história da China desde o final da dinastia Ming (século XVII) até à sangrenta repressão militar do movimento pró-democracia da Praça Tiananmen, em junho de 1989. O resultado, “The Search For Modern China”, é hoje um clássico, com lugar cativo em qualquer biblioteca de Estudos Chineses. Linda Jaivin quis resumir uma história multimilenária em cerca de 300 páginas e, no seu género, pode dizer-se que também ganhou a aposta. ●

A Grande Muralha da China é o símbolo da grandeza de um país: são mais de 21.000 km, construídos desde o ano 220 a.C.

